

**A PRESENÇA DO ABJECTO  
NO SURREALISMO PORTUGUÊS**  
**RUI SOUSA**  
**Lisboa, Esfera do Caos, 2016**  
**171 páginas, ISBN 9789896801946**

Este livro de Rui Sousa, sustentado em aturada pesquisa de uma panóplia de ensaios, entrevistas e correspondência vária, alguma inédita, desde cartas a postais, e tendo como ponto de fuga duas antologias essenciais do surrealismo português – *A Única Real Tradição Viva e Surreal-Abjeccionismo*, organizadas, respetivamente, por Perfecto Cuadrado e Mário Cesariny –, vem colmatar uma lacuna na ensaística relativa à elucidação dos elos, que se averiguam, afinal, essenciais, entre o surrealismo português, o abjeccionismo e o abjeto. De facto, o Autor, sem soçobrar nem em esquematismos simplistas nem em excursos despidiendos, problematiza de modo esclarecedor esses elos, traçando a dinâmica interna ao surrealismo, vanguarda com uma “rebelia própria” (p. 31) mais propensa a ruturas, estudo feito no primeiro capítulo, “O Surrealismo entre o colectivo e a dissensão”, para depois conceptualizar e ilustrar a sua definição de abjeto em tal dinamismo estético e geracional nos dois capítulos seguintes, intitulados, respetivamente, “O abjecto nos autores da primeira fase do Surrealismo Português (1947-1953)” e “O abjecto nos autores da segunda fase do Surrealismo Português”, terminando com uma sintética “Conclusão”, onde o Autor pode mui-

to justamente asseverar a “presença do abjecto” ao longo de todas as fases do surrealismo português ao mesmo tempo que os mecanismos literários abjeccionistas ditaram “um afastamento progressivo relativamente ao ambiente surrealista defendido por Breton” (p. 161). Considero, pois, irrepreensível a estruturação do livro de Rui Sousa.

A problemática de base é postulada de forma certa por Afonso Cautela, em artigo de 1963 no *Jornal do Fundão*: “Perante esta antologia de Mário Cesariny – *Surrealismo-Abjeccionismo* – pode perguntar-se o que significa o traço entre um e outro ismo: se união, se desunião. Significará que se quis opor surrealismo e abjeccionismo ou uni-los? Pode perguntar-se também se abjeccionismo é uma forma particular de surrealismo.” (p. 130). Julgo que Rui Sousa conseguiu dar resposta a questões tão pertinentemente citadas, para benefício do conhecimento de uma parte fundamental da literatura portuguesa balizada entre os anos 40 e 70 do século XX. E tê-lo-á conseguido por ter metodologicamente traçado *ab initio*, numa simbiose de espírito de rigor e de síntese, os princípios do surrealismo, graças ao cotejo de diversas opiniões de críticos e de poetas, com isso demonstrando como o valor da liberdade, lavrado no *Manifesto Surrealista*, de Breton, conduziu não apenas a uma maior propensão para ruturas, quer no caso francês, quer no português, do qual este derivou (no sentido dúplice de *deriva*), mas também a uma forte consciência por parte de

alguns escritores lusos ligados de forma mais ou menos epigonal ao surrealismo acerca do abjeto, essa “impossibilidade de Amor” (p. 57), de acordo com Pedro Oom e Cesariny, pelo facto de a liberdade – seja de expressão, de consciência ou de vivência sexual – estar coartada no mundo (ditatorial português), que se pautava, ao invés, pela opressão, pela mesquinhez e pela hipocrisia.

A ponte teórica entre o Surrealismo e o Abjeccionismo é, pois, construída ao longo de um fio lógico de pensamento que começa no primeiro capítulo (pp. 31-86), subdividido em quatro pontos sequencialmente coerentes: “Surrealismo e dissensão”; “O exemplo francês”, onde Rui Sousa destaca a dissidência de Artaud e de Bataille em relação à força centrípeta exercida por Breton; “A dissensão no Surrealismo Português”, onde se explicam os contornos da criação do Grupo Dissidente, se descreve o ambiente anarquista reinante no Grupo do Café Gelo e se revelam os pormenores dos projetos de dois nados-mortos, as revistas homónimas *Abjeção*; e “o Abjeccionismo: um conceito pouco definido”, onde Rui Sousa refere primeiro as abordagens críticas, começando por Maria de Fátima Marinho e terminando em Fernando Martinho, para depois conceptualizar o Abjeccionismo “na leitura dos protagonistas” (p. 81), de Pedro Oom a João Rodrigues e Luiz Pacheco, em que ressalta a resistência, não isenta de esperança, pela marginalidade e pelo desprezo, ao cerceamento da liberdade. Esta ponte teórica entre o Surrealismo e

o Abjeccionismo é rematada no primeiro ponto do segundo capítulo, que aborda a “opção do feio como transgressão” na “Modernidade” (p. 87) e a decorrente abordagem literária do mal – donde a influência dos chamados “poetas malditos” franceses do Oitocentos –, paga com a ostracização social dos autores surrealistas e abjeccionistas, nas explicações aqui carreadas de ensaístas como Fernando Guimarães, Eco, Calinescu, Octávio Paz, Ernesto Sampaio ou Gastão Cruz. Conclui-se que a temática do abjeto, avatar do feio na corrente abjeccionista, almeja “através da imaginação”, citando Pedro Barbosa, “explorar outros mundos e apreender com as possibilidades excluídas no processo de formação do nosso.” (p. 92).

O abjeto passa, então, a ser metodologicamente objeto de crítica literária com a abordagem de excertos de textos paradigmáticos – poemas e narrativas – da primeira e da segunda geração surrealista, clarificando este meritório labor crítico realizado nos pontos seguintes do livro de Rui Sousa o ponto de vista do Autor quanto ao conceito de abjeto e à forma multifacetada de trabalhar literariamente este tema no surrealismo português. A estruturação deste labor crítico segue uma lógica em todo coerente, de um ponto de vista temporal, geracional e grupal.

Assim, Rui Sousa analisa, na sequência, os “autores pertencentes aos dois grupos nos quais se dividiu o Surrealismo em Portugal na sua primeira fase” (p. 93), antologizados por Perfecto

Cuadrado, a que acrescenta, justificadamente, outros poemas de O'Neill, de Cesariny e de António Maria Lisboa. O Autor começa por António Pedro, porque "introdutor do Surrealismo em Portugal" (p. 94), de quem se destaca a abordagem heterodoxa dos mendigos e das formigas em dois poemas eivados de brutalidade, caos e humor corrosivo. Rui Sousa analisa posteriormente "outro poeta ligado ao Grupo Surrealista de Lisboa" (p. 99), Fernando Lemos, a partir dos textos "Crónica" e "Dia de descanso", sátiras à hipocrisia e à mediocridade burguesas. De seguida, o Autor aprofunda o filão abjecionista de múltiplos poemas de O'Neill (desde "Uma vida de cão" até "A pluma caprichosa") e de Cesariny (desde "no país no país no país onde o homem é só até ao joelho" até "a carta em 1957"): do primeiro, destaca idiossincrasias como a sátira ao "corrosivo comprazimento para com o tipo de maldade mantida por personalidades respeitáveis da sociedade burguesa" (p. 107); e do segundo, realça o papel cimeiro – a par de Luiz Pacheco, acrescento – na denúncia da "realidade abjecta e as suas condicionantes, contrapondo-a à vida íntima, marginal e transgressivamente diferente do Poeta" (p. 108), plasmada numa poética de (homo)erotismo. Após a análise destes nomes cimeiros do surrealismo português (donde o maior espaço que lhes é concedido), seguem-se António Maria Lisboa e Pedro Oom, enquadrados no mesmo ponto devido a um similar "desenquadramento" (p. 114) social,

de consequências trágicas para ambos os poetas, que têm por armas contra uma "sociedade castradora" (p. 115) a ironia corrosiva criadora de textos tão importantes como o manifesto "Erro próprio" ou o poema "Um ontem cão", respetivamente. O segundo capítulo termina com um ponto dedicado a outros surrealistas ligados ao Grupo Dissidente, de Eurico da Costa a Henrique Leiria, onde as marcas abjecionistas, mesmo que presentes, são menos persistentes.

No último capítulo, Rui Sousa analisa o "abjecto nos autores da segunda fase do surrealismo Português", ou seja, o período posterior a 1953, ligado já ao Grupo do Café Gelo e das antologias prenunciadoras do fim do movimento surrealista, como se indica no primeiro ponto deste capítulo (cf. pp. 127-129). As duas antologias aqui objeto de análise, ambas organizadas por Cesariny nos anos 60, *Surreal-Abjeccionismo* e *A Intervenção Surrealista*, são desde logo perspectivadas pelos olhares críticos de Luiz Pacheco, António José Forte, Afonso Cautela e Gaspar Simões, revelando o olhar distanciado de Rui Sousa face à sua base de trabalho, o que abona a favor do Autor. Só então se lança de novo na análise crítica do microtexto, isto é, de um conjunto de textos da segunda fase do surrealismo português disponibilizados nas antologias supra referidas e avaliadas. Os autores são destacados por ordem de importância para o abjecionismo, donde a referência primeira a António José Forte e

a Luiz Pacheco nos pontos 3.2 e 3.3., respetivamente, deste livro, a que se seguem, depois, os nomes de “Ernesto Sampaio, Manuel de Castro e Natália Correia” (p. 134) e “Manuel de Lima e Virgílio Martinho” (p. 146). Tal escolha é plenamente justificada em função das análises realizadas aos textos selecionados. Ilustre-se com a denúncia rebelde e sardónica à vigilância política no poema “Ainda não”, de António José Fortes: “Ainda não / não há dinheiro para partir de vez / não há espaço de mais para ficar / ainda não se pode abrir uma veia / e morrer antes de alguém chegar // ainda não há uma flor na boca / para os poetas que estão aqui de passagem / e outra escarlate na alma / para os postos à margem” (pp. 135-136). Ou ainda com esta frase de Ernesto Sampaio extraída do texto “Para uma Cultura Fascinante”: “Ninguém pode viver senão *ardendo*. Mas aqui gela-se. Aqui a santidade é loucura, a abjecção virtude.” (p. 138). Ou ainda com o último dístico do poema “A Erc Josamu Jove”, de Manuel de Castro, sinal da recusa da analogia entre o poeta boémio e o pária social: “Nós os últimos dos últimos coroamos / impérios e jardins” (p. 142). Ou ainda com o poema “Queixa das Almas Jovens Censuradas”, de Natália Correia, que lamenta e adverte a corrupção dos poetas pelo sistema político-académico: “Dão-nos a honra de manequim / Para dar corda à nossa ausência. / Dão-nos o prémio de ser assim / Sem pecado e sem inocência.” (p. 145). A última tríade de surrealistas analisados por Rui

Sousa – Luiz Pacheco, Manuel de Lima e Virgílio Martinho – tem como vetores comuns textos narrativos inseridos na antologia *Surreal-Abjecionismo*, o que permite, também por este prisma, complementar um labor crítico anteriormente centrado quase em exclusivo em textos líricos. De Pacheco salienta, além do seu papel enquanto polemista, editor e descobridor de talentos (entre outros, de Herberto Helder), a narrativa “O Teodolito”, onde a “ambiguidade das significações” (p. 147) em torno do objeto destacado em título não esconde o grotesco e a sexualidade, numa “estética infra-realista” (p. 151), isto é, de detalhe ao real disforme, característica do Abjecionismo. A fábula irónica “O Clube dos Antropófagos”, de Manuel de Lima, protagonizada pela tirania de Falcão, e os textos “O Morto Glorioso” e “O Grande Cidadão”, de Virgílio Martinho, também ele frequentador do Café Gelo, completam o estudo de um abjeto criticado ora pela via do absurdo e do humor ora pela via do grotesco negro e realista (cf. pp. 152-160).

Livro simultaneamente profundo e claro, problematizador e de grande valor pedagógico para todos os estudiosos e críticos do Surrealismo e do Abjecionismo (nos quais me incluo), apenas considero questionável o critério exposto no paratexto “Justificação e agradecimentos” de excluir publicações posteriores à defesa da dissertação que serviu de base à edição desta obra – até porque vários anos medeiam os dois factos –, o que depaupera, destarte, a

bibliografia final e, por certo, outras considerações pertinentes que Rui Sousa poderia aqui trazer à colação. Aludase, a mero título exemplificativo, para demonstrar como tem pés de barro tal argumento, o livro *Putá que os Pariu! A Biografia de Luiz Pacheco*, de João Pedro George (Tinta-da-China, 2011), fruto da tese de doutoramento deste último ensaísta, que aproveita a última resposta (abjecionista) de Pacheco em entrevista à revista *Ler*, datada de 1995, para o primeiro hemisfério do título da sua obra.

*Cristina Costa Vieira*

**[DES]CONEXÕES ENTRE PORTUGAL E O BRASIL SÉCULOS XIX E XX**

**TANIA MARTUSCELLI**

**Lisboa, Colibri, 2016**

**208 páginas, ISBN 978-989-689-605-8**

Em *[Des]Conexões entre Portugal e o Brasil: Séculos XIX e XX*, Tania Martuscelli empreende uma análise das relações entre intelectuais brasileiros e portugueses do campo literário e das artes plásticas, construídas no “terceiro espaço da enunciação” (Homi Bhabha), tendo como referência o discurso em revistas, jornais e cartas, num arco temporal que vai do romantismo ao modernismo e das vanguardas ao concretismo.

A abordagem por que se optou afasta-se do viés tipicamente considerado na esfera da crítica literária, por estarem em causa não os dados em si, mas as relações que eles constroem e re-

constroem. O confronto sobre questões políticas, sociais e outras é conduzido por forma a evidenciar o “lugar híbrido do valor cultural” (11) e desta feita o cerne deixa de ser o colonizador e o colonizado, vistos de modo hierárquico. A possibilidade de reler o passado por um prisma abrangente e conectado estimula o desembaraço de visões em busca de uma origem, permitindo um conhecimento novo, o conhecimento sobre modos de aproximação e afastamento, com mais de 500 anos.

Na primeira parte, *Nacionalismo e Republicanismo no Brasil e em Portugal*, são referenciados episódios respeitantes ao período da afirmação nacional do Brasil independente de Portugal, envolvendo personalidades tão importantes como Dom Pedro I, que, no espaço de uma imprensa multiforme, produziram opiniões cristalizadoras de correntes de pensamento.

A formação de uma identidade brasileira integra significados apreciados na ótica da filosofia, da cultura, da economia e da política, de que são exemplos os conceitos de “país novo”, “ufanismo” e “progresso”. Convocam-se, numa perspectiva relacional, dados históricos (plano da factualidade) e o discurso sobre o facto (plano da representação). Fluxos, redes, processos, enquanto formas de relações sociais, são noções-chave instrumentais na reflexão sobre a circulação de intelectuais, artistas e escritores dos dois lados do atlântico, também por ocasião de viagens.

Dada a importância na configura-